



10 037 ANOS DEPOIS, CID LEVA CASA DA MÚSICA AO ESPAÇO

CONCERTO

“É **PRECISO** saber separar as coisas”, explicava José Cid a um espectador que tinha pedido para ele tocar “Na cabana”. É que há o José Cid popular de “Na cabana junto à praia” ou “Como a macaca gosta de banana” e há o José Cid “prog rock” de “10 000 anos depois, entre Vénus e Marte”. Anteontem à noite, foi este último José Cid que esteve na Casa da Música, no Porto. Não tocou a “Na cabana” e o público bateu palmas, muitas e merecidas palmas no final de uma atuação impressionante e irrepreensível. O concerto focou-se nos



RUI GOMES/AGÊNCIA LUSOPRESS

José Cid comprovou que a boa música não envelhece

oito temas de “10.000 anos”, a sua obra maior de rock progressivo e espacial, editada em 1978. É um álbum de concerto que conseguiu ser mais valorizado lá fora do que cá

dentro. Uma injustiça que agora, finalmente, parece estar a ser reparada.

O início fez-se com “Vida”, a que se seguiu “Cantamos homens vivos”, a única mú-

sica tocada que não integra “10.000 anos”. Seguiram-se, um por um, os sete temas restantes. Para o “encore”, José Cid repetiu “Caos” e “10.000 anos”, esta última com direito a palmas a marcar o ritmo e coro do público.

As cadeiras vazias da sala Suggia contavam-se pelos dedos de duas mãos. Uma plateia praticamente esgotada que, durante pouco mais de uma hora, se deliciou a viajar até ao espaço à boleia das teclas de José Cid. 10.037 anos depois, comprova-se que a boa música nunca envelhece. E que não é preciso tocar “Na cabana” para se ter direito a uma ovação.

TIAGO RODRIGUES ALVES